

Não é
errado
ser
feliz



LINDA HOLMES

Tradução de Marina Vargas



Copyright © 2019 by Linda Holmes

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

TÍTULO ORIGINAL

Evvie Drake Starts Over

PREPARAÇÃO

Clara Alves

REVISÃO

Giu Alonso

Lívia Maggessi

PROJETO GRÁFICO

Caroline Cunningham

DESIGN E ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Connie Gabbert

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira / Equatorium Design

REVISÃO DE E-BOOK

Carolina Andrade

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-65-5560-113-8

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Primeiro](#)

[OUTONO](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

Doze

INVERNO

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

PRIMAVERA

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

DO VERÃO ATÉ UMA NOVA TENTATIVA

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Trinta e sete

Trinta e oito

E então

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia também

Para Nona, que sempre me enxergou

Primeiro

VÁ AGORA, ou você vai acabar não indo, Evvie advertiu a si mesma.

Ela não queria estar em casa quando ele chegasse do trabalho. Sim, era covardia, mas ela não queria enfrentar a grande *questão* que aquilo ia se tornar, a grande *bagunça*. Ele diria, não sem razão, que ir embora sem qualquer aviso era meio dramático. Depois de tanto tempo, ia se perguntar: por que agora? Ele não saberia que, exatamente naquele dia, Evvie completava metade de sua vida ao lado dele. Tinha se dado conta disso ao olhar o verso de uma nota fiscal de supermercado alguns meses antes, em seguida circulou em vermelho a data no calendário da parede. Ele passara pelo calendário diversas vezes e nunca perguntou a respeito. Se deixasse aquela data passar, Evvie tinha a impressão de que começaria a desaparecer, célula por célula, osso por osso, substituída por alguém que se pareceria com ela, mas não seria ela.

Evvie abriu o porta-malas do Honda e enfiou um envelope grosso cheio de dinheiro no porta-luvas. Isso poderia parecer bobo. Ela não achava que Tim cancelaria os cartões de crédito ou fecharia suas contas. Mas “apenas por precaução” era a tônica de sua vida, e ela precisava de dinheiro vivo apenas por precaução, caso descobrisse que não o conhecia tão bem quanto imaginava. Não seria a primeira vez que se enganava ao tentar prever as ações dele.

Ela entrou em casa e abriu o armário do corredor. Pegou a mala azul rígida e surrada, coberta de adesivos: Paris, Londres... Estava leve,

e as coisas chacoalharam lá dentro quando ela desceu os degraus da varanda e a colocou no banco de trás do carro. Teve vontade de sorrir com os sons de seus passos na calçada.

Havia mais coisas para pegar dentro de casa, mas ela se sentou no banco da frente e fechou a porta do carro, recostando a cabeça no apoio com os olhos fechados. *Putá merda, eu vou embora mesmo.* Em algumas horas, estaria em um quarto qualquer de uma dessas redes de hotéis com roupas de cama ásperas e TV a cabo cheia de canais esquisitos. Iria comprar uma garrafa de vinho, ou várias garrafas de vinho, e ficaria deitada na cama king-size, bebendo, mexendo os dedos dos pés e lendo durante o tempo que quisesse. Foi aí que começou a se perguntar o que faria no dia seguinte. Só que não tinha tempo para isso, então respirou fundo e saiu do carro para pegar o restante das coisas. Estava se encaminhando para a entrada quando o celular tocou.

O toque sempre a assustava um pouco: um arpejo metálico que parecia uma harpa elétrica. A ligação era do hospital em Camden onde Tim, às vezes, atendia pacientes. Ela não queria falar com ele, mas precisava saber se ele ia voltar para casa mais cedo.

— Alô?

— Eu poderia falar com Eveleth Drake?

Não era Tim.

— É ela.

— Sra. Drake, meu nome é Colleen Marshall, sou enfermeira no Hospital de Camden. O motivo da minha ligação é que o dr. Drake foi trazido para o nosso pronto-socorro faz mais ou menos meia hora. Ele sofreu um acidente de carro.

O coração de Evvie martelou no peito e reverberou até a ponta de seus dedos. Por um décimo de segundo, quis pedir à enfermeira que

ligasse para os pais de Tim, porque ela tinha acabado de deixá-lo.

— Ah, meu Deus — falou em vez disso. — Ele está bem?

A pausa foi tão longa que ela pôde ouvir um médico sendo bipado ao fundo.

— Ele está gravemente ferido. A senhora deveria vir para cá o mais rápido possível. Sabe onde fica o hospital?

— Sei — respondeu ela, com a voz embargada. — Estarei aí em... provavelmente vinte minutos.

As mãos de Evvie tremiam ao digitar uma mensagem para Andy. *Tim sofreu um acidente de carro. Grave. Hospital de Camden. Pode avisar ao meu pai?*

Ela girou a chave na ignição, saiu da entrada da garagem e foi em direção a Camden. Mais tarde descobriu, pelo telefone e por toda a papelada, que ele provavelmente tinha morrido enquanto ela esperava o sinal da Chisholm Street abrir, a uma quadra da igreja onde tinham se casado.

OUTONO



Um

EVVIE ESTAVA NO ESCURO, deitada no chão. Mais especificamente, no chão da edícula anexa vazia que se projetava de um jeito estranho da parte dos fundos de sua casa em direção ao quintal. Ela estava ali porque, no andar de cima, em sua cama, tivera outro sonho no qual Tim ainda estava vivo.

A avó escandinava de Evvie dizia que as mulheres jovens sonham com o marido que desejam, as mulheres velhas sonham com o marido que desejaram, e apenas as mulheres mais afortunadas, por um momento entre uma coisa e outra, sonham com o marido que têm. Mas, mesmo considerando as ambições limitadas permitidas por esse ditado, os sonhos de Evvie com Tim não eram o que sua avó tinha em mente.

Ele estava sempre com raiva dela por tê-lo deixado. *Está vendo o que aconteceu?*, dizia sem parar. Nesse sonho ele estava tão próximo que ela sentiu o hálito de chiclete de canela e viu a pequena veia na testa dele, e teve medo de que, caso se virasse e voltasse a dormir, ele ainda estivesse lá. Então empurrou os cobertores para longe e foi para o primeiro andar da casa, que sempre tinha sido muito grande e agora era simplesmente grande *demais*. Descer a ampla escada em curva ainda parecia uma transgressão, como esgueirar-se até a recepção de um hotel tarde da noite para pedir mais toalhas. Ela fez uma parada na cozinha e colocou água no fogo para o chá, depois foi diretamente para o anexo, onde se deitou de costas no chão para esperar.

Quando compraram a casa — quando *ele* comprou a casa —, eles planejavam alugar a edícula. Mas nunca colocaram a ideia em prática, então Evvie a pintou com seu tom favorito de azul-pavão e passou a usá-la como uma espécie de casa na árvore: entrada proibida. Ainda era seu lugar preferido na casa e continuaria sendo, a menos que o fantasma de Tim começasse a assombrar o espaço apenas para dizer que havia notado pequenas bolhas na pintura e que realmente seria melhor se ela pintasse tudo de novo.

Ótimo, disse a si mesma quando esse pensamento surgiu pela primeira vez. *Bem-vindos ao clube de comédia mais macabro do Maine. Aí vai uma piadinha sobre como o fantasma do meu marido é meio que um babaca. E sobre como eu sou um monstro.*

Passava um pouco das quatro da manhã. Deitada de costas, vestindo camiseta e short, ela controlou a respiração, tentando desacelerar o latejar nas têmporas, na barriga e nos pulsos. A casa parecia desprovida de ar e estava totalmente silenciosa, exceto pelo relógio que marcava a passagem do tempo com seu tique-taque havia trinta e cinco anos, primeiro na cozinha de seus pais e agora na dela. Na escuridão do anexo, havia tão poucas sensações além do carpete espetando sua pele que era como não estar em lugar nenhum. Era como estar deitada diretamente sobre a terra.

De tempos em tempos, Evvie pensava em se mudar para lá. Outra pessoa poderia ficar com a casa, a cozinha grande e os quartos no andar de cima, o corrimão esculpido e a elegante escadaria na qual ela uma vez havia escorregado, o que lhe valeu uma mancha roxa no quadril. Poderia viver ali, deitada de costas no escuro, repassando todos os seus piores pensamentos, comendo sanduíches de manteiga de amendoim e ouvindo rádio como se o fornecimento de energia tivesse sido interrompido para sempre.

A chaleira apitou na cozinha, e ela se levantou para desligar o fogo. Pegou no armário uma das duas canecas do evento de arrecadação de fundos para a rádio pública, deixando de lado a outra, cujo fundo, virado para cima, estava coberto por uma fina camada de poeira. A etiqueta em seu saquinho de chá de camomila dizia: *Não há nenhum problema que uma boa xícara de chá não resolva*. Parecia algo que um cavalheiro em *Downton Abbey* diria pouco antes de sua esposa ter um dente incluso e falecer elegantemente na cama.

Soprando seu chá, Evvie foi para a sala, onde havia lugar para sentar, e se aconchegou em uma poltrona verde-escura. Havia um exemplar da *Sports Illustrated* endereçado a Tim no meio da pilha de correspondência na mesa de centro, e ela folheou a revista à luz que vinha da cozinha: o fim da temporada de beisebol, o início da temporada de futebol americano, uma matéria sobre uma ginasta que estava abandonando o esporte para se tornar médica e o perfil de um arremessador do Yankees que acordou um belo dia e não conseguia mais arremessar. O perfil vinha abaixo de uma grande manchete em caixa-alta: COMO SE TORNAR UM CASO PERDIDO.

— Já passei desse ponto faz tempo — murmurou ela, e enfiou a revista no fundo da pilha.

De acordo com o relógio no aparelho de TV a cabo, eram 4h23 da manhã. Evvie fechou os olhos. Já tinha se passado quase um ano desde a morte de Tim, e às vezes ela ainda era incapaz de fazer o que quer que fosse, pois era consumida pelo fato de não sentir falta dele. Ela poderia ocupar salas inteiras com a sensação de ser a única pessoa a saber que quase não o amava mais quando o ouviu rressonar de leve em sua última noite de vida. *Monstro, monstro*, pensou ela. *Monstro, monstro*.

Dois

— LILLY JOGOU o leite no chão. — Andy tomou um gole de café. — Estou em maus lençóis com a professora dela.

O hábito de tomarem o café da manhã juntos no Compass Café aos sábados tinha começado quatro anos antes, quando Andy se divorciou, e depois disso eles nunca mais pararam. Alguns maridos poderiam ter ficado incomodados, mas Tim não. “Tenho muito trabalho, então, desde que não fique reclamando com ele a meu respeito, não me importo”, dissera ele.

Andy pedia um omelete de presunto e queijo, e Evvie, panquecas de mirtilo acompanhadas de bacon e um copo grande de suco de laranja. Eles bebiam pelo menos dois bules de café e repassavam as semanas anteriores e as seguintes. Ficavam lá enquanto o lugar enchia, esvaziava e enchia de novo. Observavam os turistas e davam gorjetas extravagantes, e conhecidos passavam por eles e comentavam sobre o clima ou perguntavam pelas filhas de Andy. E, fazia mais ou menos um ano, as pessoas esticavam o pescoço para espiar, ou ficavam a uma educada distância investigativa, para dar uma boa olhada em Evvie e se assegurar, apenas *para ter certeza*, de que a morte do marido não a havia transformado em uma casquinha enrugada, que ficava sentada em casa cantarolando músicas românticas agarrada à camiseta favorita do defunto enquanto se balançava para a frente e para trás.

— Por que a Lilly jogou o leite no chão?

Lilly era a filha mais nova de Andy, que havia começado

recentemente a frequentar o jardim de infância.

— Boa pergunta. A professora disse que ela simplesmente jogou. Sem dar nenhum aviso. Gritou: “Leite é iogurte derretido!”

Evvie sorriu. Ela podia imaginar a cena, incluindo a expressão cheia de fúria que Lilly exibia de vez em quando desde pequena.

— Acho que posso imaginar por que ela acabou fazendo isso.

— Então a professora me disse que a colocou de castigo. Eu respondi: “Por mim, tudo bem.” E a professora falou: “Acho que também seria bom que vocês conversassem em casa sobre respeito.” Eu perguntei: “Respeito por você?” E ela: “Bem, sim, mas também à propriedade.” E eu pensei: *Estamos falando em ensinar minha filha a respeitar o leite?* Porque não consigo entender o que mais ela quer que eu ensine à Lilly. O que ela quer dizer com “respeito à propriedade”?

— Capitalismo?

— Talvez. Enfim, estou me esforçando. Estou tentando ensinar a Lilly a ter mais respeito pela professora. E respeito pelo leite.

— Lacto... reverência? Lactorreverência? Isso é uma palavra?

— Não. — Andy fez uma pausa para erguer sua xícara pedindo mais café a Marnie, uma jovem mãe com uma mecha roxa no cabelo que era a garçonete que os atendia fazia alguns anos. — Eu vou te dizer uma coisa, ela já mordida muito quando era bebê, mas não sei o que acontece. Mesmo quando vem toda amorosa para cima de mim, ela é tão *brava*. Fui pegá-la outro dia e ela gritou: “Papai! Me dá um abraço!” Mas ela diz isso aos berros, parece um pinscher. Muito mandona, se quiser colocar as coisas dessa maneira, como se ela fosse...

— Jerry Orbach.

Ele franziu a testa.

— Em *Dirty Dancing*?

— Em *Law & Order*.

— Tudo bem, Jerry Orbach. — Ele fez uma pausa. — O que quero dizer é que ela é obstinada, e acho isso ótimo, mas não quero ser obrigado a tirar minha filha da prisão quando ela tiver nove anos.

Evvie sorriu novamente.

— Mal posso esperar pela adolescência dela.

— Ela pode ir morar com você.

— Ah, não. Eu me encarrego de falar sobre menstruação, sutiãs e métodos contraceptivos, mas eu moro sozinha.

— Bem, por enquanto — disse ele. — Eu queria te perguntar: você ainda está pensando em alugar o anexo?

Ela mastigou um pedaço de bacon.

— Talvez. Um dia.

— Você não está usando, certo?

— Só para deitar no chão no meio da noite e refletir sobre a minha existência. — Ele parou de mastigar e suas sobrancelhas se ergueram. — Estou brincando — disse ela. Ele não entenderia. Ia apenas ficar preocupado. — Nunca vou lá.

— Andei pensando, sabe, você está deixando de ganhar dinheiro com o anexo vazio.

A lógica era impecável. Provavelmente era uma armadilha.

— Acho que você tem razão — disse ela, desconfiada.

— Eu tenho razão. — Ele apontou. — Sua manga está encostando na calda.

Ela limpou um ponto pegajoso no punho da camisa.

— Você está querendo que eu alugue para alguém específico? Vai expulsar a Rose de casa?

— Rá. — Ele não riu. — Não, acho que as crianças devem ter pelo menos dez anos antes de serem consideradas totalmente

independentes. — Ele tomou um longo gole de café. — A propósito, antes que eu esqueça, a Rose tem uma apresentação de dança daqui a uma semana e ela me pediu para dizer que gostaria que você fizesse nela o “cabelo com as tranças enroladas”.

Rose tinha sete anos e não confiava no pai nem para arrumar seu cabelo para a apresentação, nem para cuidar de seus carrinhos Matchbox.

— Ela é muito organizada.

— Outro dia ela me chamou de “senhor” — disse ele. — Como se estivéssemos em um filme de época.

Evvie franziu a testa.

— Então, posso dizer a ela que você vai? — continuou ele.

— É claro — respondeu Evvie. — Agora me conte quem você quer enfiar no anexo.

— Está bem, está bem. Na verdade, tenho um amigo que vai ficar na cidade por alguns meses e está procurando um lugar para morar.

Ela fez uma careta.

— Que amigo? Alguém que eu conheça?

— Meu amigo Dean.

Os olhos dela ficaram ligeiramente arregalados.

— Dean, o jogador de beisebol?

Evvie sabia que um dos amigos de Andy era arremessador, mas não o conhecia pessoalmente.

— Ex-jogador — esclareceu ele. — Ele acabou de se aposentar. E vai vir morar aqui para dar um tempo. Desfrutar um pouco da nossa excelente maresia e tudo o mais.

— Sempre esqueço que atletas profissionais se aposentam em décadas diferentes das pessoas normais. Quantos anos ele tem, trinta e poucos? E já se aposentou? Deve ser bom.

— É um pouco mais complicado que isso. E você saberia se eu não roubasse todas as suas edições da *Sports Illustrated*.

— Acho que nem assim eu leria — admitiu ela. — Tem uma edição nova lá em casa, a propósito.

— Eu sei — disse ele. — Dean está nela.

Ela estalou os dedos.

— Espere aí. Dean, o jogador de beisebol, é o caso perdido?

Andy a encarou com os olhos semicerrados.

— Ele não é um caso perdido. Ele perdeu o braço. Quer dizer, não o braço, *braço*; ele perdeu o braço de arremesso. Ele tem os dois braços. E não é como se ele estivesse perturbado ou algo assim.

— O que aconteceu com ele?

— Bem, ele era um arremessador muito bom e, de repente, ficou péssimo. Tirando isso, não faço ideia.

Naquele momento, Diane Marsten parou em frente à mesa deles. Ela gerenciava o Esther's Attic, uma loja de produtos de segunda mão que tinha sido da mãe antes de ser dela. Diane costumava comer no Compass aos sábados com o marido, às vezes na companhia não autorizada de seu cachorrinho, Ziggy, que não parecia estar por perto naquele dia para torcer o pequeno focinho para o código sanitário.

— Bom dia, vocês dois.

— Oi, Diane — disse Andy. — Como estão as coisas?

— Não tenho do que reclamar. — Isso, Evvie sabia por experiência própria, não era verdade. Diane se virou e colocou a mão no ombro dela. — É bom ver você de volta à ativa.

Evvie olhou para Andy, em seguida forçou um sorriso.

— Obrigada, Diane. É bom ver você também.

Diane forneceu atualizações sobre vizinhos com enfermidades (tão educadamente vagas que beiravam a inutilidade, como “problemas

com o organismo”) ou questões pessoais (idem, como “a questão com a filha”), depois saiu para comer sua rabanada.

— Sinceramente. — Evvie suspirou.

— Ela gosta de você, Ev.

— Eu sei. Eu sei. Mas todos eles... ficam cheios de dedos. Ela disse “de volta à ativa”, como se eu estivesse doente. Eles agem como se a única coisa que eu fizesse fosse — ela mudou para um sussurro forte — ficar em casa de luto.

— Ela disse que foi bom ver você.

Evvie balançou a cabeça.

— É a *compaixão*. São todos os tapinhas no braço, todas as vozes suaves. Aquele negócio de plantar a árvore na clínica é daqui a algumas semanas, e vai ser ainda pior. Todo mundo vai simplesmente ficar lá me vendo chorar.

— Você não precisa chorar. Todo mundo sabe o quanto você o amava.

Na verdade, ninguém sabia. Andy não sabia.

— Não consigo entender — disse Evvie. — Ninguém tem pena da Tessa Vasco porque o marido dela morreu e ela não passa o tempo todo se divertindo por aí.

— Tessa Vasco tem noventa e dois anos.

— E daí?

— E daí que *você* não tem noventa e dois anos. E, ao contrário da Tessa Vasco, não precisa de um andador ou de um tanque de oxigênio para ir ao mercado. — Ele limpou a boca com um guardanapo. — E, sem querer ser chato, mas acho que preciso lembrar a você que a Tessa faz hidroginástica.

— Como você sabe?

— Porque ela faz aula com a minha mãe. Mas minha mãe só tem

*image
not
available*

O que você espera que eu diga?

— Você vai gostar dele — disse Andy. — Eu gosto.

Evvie se empertigou.

— Você gosta de muita gente. Vai saber que colegas de bebedeira fedorentos da época da faculdade você arrastaria pela minha cozinha se eu deixasse...

— Eu não o conheci em uma bebedeira. Nós nos conhecemos quando éramos escoteiros. Ele foi ao meu casamento, Ev, você viu as fotos. E não sei se você se lembra, mas foi ele quem me mandou para a Disney com as meninas depois do divórcio. Ele não vai roubar suas joias.

Evvie sorriu.

— Não tenho muitas joias.

— Bem, ele não vai roubar seus... suéteres furados confortáveis nem nada do tipo.

Ela fez uma careta.

— Golpe baixo. Olha, como eu disse, vá com ele lá em casa para a gente se conhecer. Se parecer uma boa ideia, ficarei feliz em receber o dinheiro. — Ela pensou brevemente nas contas atrasadas que estavam presas com um elástico na gaveta da cozinha. Era isso que um ano sem a renda de um médico fazia. Ela poderia colocar alguém para morar na casa anexa, deixar a porta trancada, receber o aluguel e talvez nem notasse a presença dele por lá.

Andy suspirou.

— Obrigado. Ele precisa... sei lá, de paz. Além disso, vale repetir que não seria a pior coisa do mundo se você tivesse companhia.

— Eu tenho companhia — disse ela. — Estou sentada aqui com a minha companhia.

— Além de mim. E das minhas filhas. E do seu pai. Você sabe —

*image
not
available*

— A Rose tem sete e a Lilly, cinco. — Andy afastou o bambolê e se sentou no sofá. — Estão no quarto de brincar assistindo a *Caça-Fantasma* pela quinquagésima vez, então estou achando que vão querer se vestir assim no Halloween. Estou realmente muito empolgado. — Ele tomou um gole de cerveja. — Como foi a viagem?

Dean se contraiu involuntariamente ao se lembrar das costas doloridas.

— Longa, mas boa. É legal ver um lugar diferente. É legal ver você também. Eu estava tentando lembrar... Já faz o quê? Três ou quatro anos?

— Pois é. — Andy pensou por um minuto. — Foi pouco antes de a Lori ir embora, acho. Quando fomos à sua festa, aquele evento da ESPN? Lá se vão quatro anos.

Dean estremeceu.

— Sim, isso mesmo. Faz tempo demais.

— Bem — disse Andy —, desde então, a Lori foi embora. Ainda dou aula de matemática. Ainda estou solteiro. Recentemente, me tornei o orientador acadêmico responsável pelo anuário, o que estou considerando o equivalente a ser treinador de algum time da escola. E agora você está praticamente a par de tudo. — Seus olhos se dirigiram a uma foto dele e das filhas que estava em um porta-retratos na mesa de canto. — Não parece ter sido uma surpresa para mais ninguém, como foi para mim, que meu casamento não tenha dado certo.

Dean pegou um panda de pelúcia do chão, em seguida o colocou de volta onde estava.

— Eu sei que deveria ter vindo depois que ela foi embora. Pensei em vir, mas não consegui. Estava ocupado demais sendo um cara importante.

— É. — Andy inclinou a cabeça para o lado. — Pesado, tudo isso.

todo. Pelo visto, um fiasco era tão bom quanto o outro.

— Você não é um fiasco — disse Andy, colocando a mão no ombro de Dean. — Você é um caso perdido. É bem diferente.

Eles riram, e Rose enfiou a cabeça para fora do quarto de brincar, no fim do corredor, e gritou:

— Pai, não consigo ouvir a televisão, vocês estão falando muito alto!

— Está precisando de uma limpeza no ouvido? Quer que eu pegue a mangueira no jardim? Ou melhor, acho que o aspirador de pó está em algum lugar por aqui — gritou Andy em resposta. Houve mais risadinhas e a porta se fechou. — Que crianças terríveis — disse ele, balançando a cabeça. — Então. Coloquei lençóis na cama dobrável no porão. Pensei que você poderia dormir aqui hoje. Amanhã, te levo na casa da Evvie. Ela quer conhecer você, ter certeza de que não é violento e não tem nenhum instrumento musical.

— Preciso saber de alguma coisa antes de ir lá?

— Sobre a Evvie? Ela é incrível. Você vai gostar dela. Ela é muito divertida. E é bonita; ela meio que parece... sua irmã.

Dean franziu a testa.

— Eu não tenho irmã.

— O que estou querendo dizer é que ela parece uma irmã. Tipo a irmã de alguém.

— A irmã de quem?

— De ninguém. Ela é filha única.

Dean balançou a cabeça.

— Você não é bom nisso.

Andy deu de ombros.

— Cabelo castanho. Um monte de suéteres. Olhos castanhos... Eu acho.

Quatro

CALCASSET FICAVA EM uma parte do Maine que se adequava bem ao nome Mid Coast, porque ele não significa absolutamente nada, e uma descrição que não significa absolutamente nada é um poderoso indicador de que a modéstia é uma propriedade coletiva do lugar. Até o tempo mudava educadamente: todos os anos, quando o outono começava a substituir o verão, havia manhãs frias avisando que em breve ia ficar gelado de verdade.

Assim que acordou e pôs os pés no chão de madeira frio, Evvie soube que era um daqueles dias em que o outono dava seus primeiros sinais. Preparou chá, comeu uma tigela de mingau de aveia com passas e xarope de bordo e vestiu seu cardigã cinza favorito por cima da camiseta da banda da Calcasset High School (que ainda resistia, quinze anos depois) e da calça jeans. O casaco deixava um rastro de bolotas felpudas por toda parte, mas resistia desde a faculdade. Quando vestia aquele casaco e bebia algo quente, gostava de imaginar que isso lhe dava superpoderes outonais e um certo apelo acolhedor.

Ela poderia trabalhar. Deveria trabalhar. Havia uma vizinha, que ficava cada vez mais alta, dizendo: *Faça alguma coisa, faça alguma coisa*. Tinha e-mails para responder, incluindo um de Nona Powell Brown, professora da Howard, com o assunto “Seu ouvido atento”.

Evvie às vezes chamava a si mesma de bisbilhoteira profissional, mas ela era transcritora. Trabalhava principalmente com gravações de entrevistas de pesquisadores e jornalistas, embora também tivesse o

Ele deu uma olhada na sala por um instante.

— Ontem à tarde. Fiquei matando a saudade do Andy e das meninas. Já fazia alguns anos que não nos víamos.

— Parece divertido. As meninas perguntaram onde você mora? Elas estão muito interessadas em geografia ultimamente. Mapas e globos, o relevo do litoral.

— Perguntaram. Tive que prometer levar as duas para andar de metrô um dia. Acho que vão ficar decepcionadas por não se parecer tanto com uma montanha-russa quanto no mapa.

— A Lilly chamou você para brincar de Doutora Brinquedos?

— Chamou. Ela foi muito minuciosa. Devo voltar em seis meses para um acompanhamento.

Evvie assentiu.

— Cuidado nunca é demais, definitivamente.

— Já estive em mãos piores.

Ele sorriu, cerca de um terço de sorriso. Era um terço de sorriso interessante.

— Então você veio de carro de Manhattan? Quanto tempo demorou?

— Oito horas, mais ou menos.

— Caramba.

— É. A boa notícia é que dá para ouvir bastante rádio.

— Do que você gosta? Mesas-redondas e coisas assim?

— Ah, não. Idiotas que não praticam esportes discutindo por causa de esportes não é minha ideia de diversão — disse ele. — Gosto mais de ouvir a rádio pública.

— Ei, eu também — disse ela. — Ou podcasts.

— Meu irmão está tentando me convencer a ouvir podcasts. Sempre fico achando que vão ser três caras no Skype chapados falando

— Isso. Mas, naquela época, antes de comprarem o novo estádio, era Florida Marlins. Então morei em Miami por alguns anos, depois fui negociado para o Yankees e me mudei para Nova York. E agora estou desempregado. E você?

— Nada nem de longe tão interessante. Cresci aqui, em Calcasset. Meu marido, Tim, e eu estudamos na Universidade do Sul da Califórnia, e ele fez medicina lá. Em seguida, Tim fez a residência em Portland. Eu morava aqui, então era uma relação a semidistância. Depois ele se mudou para Calcasset, nos casamos e compramos esta casa. Isso faz quatro anos.

Quando ele olhou imediatamente para o chão, ela supôs que Andy tivesse lhe contado como a história terminava, pelo menos até onde Andy sabia. A versão dele não tinha ela no carro com a certidão de nascimento e um maço de dinheiro.

Dean olhou para Evvie.

— Sinto muito pelo que aconteceu, a propósito — disse ele.

— Obrigada. — Ela assentiu. Sua mente estava procurando opções, procurando mais alguma coisa para perguntar. — Quanto tempo está pensando em ficar?

— Não sei. Uns seis meses? Um ano, no máximo. Vou ter que voltar para Nova York, que é onde está minha vida de verdade. Mas, agora, eu meio que preciso clarear as ideias. — Ele sorriu. — Isso é o máximo que planejei por enquanto.

Ela balançou a cabeça.

— Sei bem como é.

A quantidade de tempo que pessoas que acabaram de se conhecer devem se encarar, principalmente sem dizer nada, é uma medida muito curta e muito precisa. Quando excede o limite, você fica desconfiado, ou se sente ameaçado, ou tem um lampejo de intimidade

cuspiam tabaco o tempo todo, posso ficar mais alguns dias na casa do Andy. Tenho certeza de que a Lilly quer que eu volte hoje à noite para dar uma olhada nos esboços de um super-herói que ela inventou. O pai dela contou que eu gosto do Batman.

Ela entrou na casa anexa, que ficava muito diferente com *coisas* dentro. Até as caixas faziam com que tivesse um ar diferente, e havia um par de poltronas grandes e confortáveis de frente uma para a outra.

— Batman, é? Você é um *desses* caras.

— Sim. Fui à Comic-Con de San Diego alguns anos atrás, fantasiado. Traje completo, um grande capuz sobre o rosto. Perdi dois dias de treino e fui multado, mas valeu a pena.

— Por quê?

Ele parou de tirar coisas de caixas.

— Eu sempre quis ir e nunca tinha ido. Vi uma foto de um cara que estava vestido de Boba Fett, sabe, de *Star Wars*?

— Eu sei quem é Boba Fett.

— Enfim, eu achava que a Comic-Con seria o único lugar onde eu poderia usar uma máscara e ainda assim passar despercebido. Provavelmente, foi o mais normal que consegui ser naquele ano, perambulando por lá com uma fantasia de super-herói.

Ela sorriu.

— Talvez fosse por isso que Bruce Wayne usava uniforme.

Ele riu.

— É, talvez.

— Bem, parece que o Esther's Attic foi um ótimo negócio para você — disse ela. — Não compro nada lá há séculos, mas ela é incrível. A Diane, não a Esther. A Esther morreu quando eu estava no ensino médio. Mas a Diane sabe dizer de onde veio cada uma das coisas que

— Então, provavelmente tirando vantagem disso, Mike correu usando o traje do Cheerios por uns dez jogos seguidos. Mas o conchavo pode colocar você na fantasia, mas não faz ninguém correr mais rápido, então ele nunca ganhava. E Talley começou a reclamar que era a fantasia. Ela achava que as corridas de caixas de cereal eram *manipuladas*. Então, escreveu uma carta para o *Calcasset Neighbor*, exigindo que alguém fizesse alguma coisa a respeito dessa injustiça e restaurasse a confiança do público.

— Rapaz, eis uma mulher disposta a tudo para ganhar um sorvete de graça.

Evvie riu.

— Não é? Ou seja, ela armou o *maior* escândalo e, finalmente, veio a notícia: Mike Parco ia usar a *caixa de Wheaties* no jogo contra o Concord. Quando chegou a grande noite, já tinha de tudo nessa história: sexo, esporte, corrupção... Então todo mundo estava lá. *Todo mundo*. Você poderia ter entrado em qualquer casa da cidade e feito uma limpa. Poderia ter levado absolutamente tudo. E as pessoas não estavam no estádio para ver o jogo; estavam lá por causa da *corrida de caixas de cereal*. Não por amor à comunidade, nem imbuídas do espírito municipal; as pessoas estavam lá porque *queriam saber quem ia ganhar a corrida de caixas de cereal*. É a coisa menos edificante que já uniu uma cidade. É o oposto do final de um dramalhão.

Ele assentiu.

— Não vou mentir; isso não aconteceria em Nova York.

— Sim. Um brinde a Mid Coast, no estado do Maine, lar de um número surpreendente de pessoas que não têm nada para fazer às sextas-feiras. — Ela sorriu, erguendo a garrafa de água. — Então o Mike ia vestir a fantasia de Wheaties. E quem ia vestir o traje de Chex era o filho do Dutch Halloran, que nós chamamos de Dutch Dois,

— Era uma piada.

Evvie revirou os olhos.

— Aham, engraçadíssimo.

Ele riu.

— Não tenho certeza. Nada de beisebol. Só... ficar no Maine, eu acho. Provavelmente passar algum tempo com o Andy. Estou meio que de férias de tudo.

— Para ser sincera, eu teria pensado que Nova York seria um ótimo lugar para isso, para se misturar na multidão.

— Para a maioria das pessoas, sim — disse ele, em seguida inclinou a cabeça de leve para indicar quantas coisas havia para dizer e sobre as quais eles não iam falar.

Ela se levantou.

— Tudo bem, justo. Bem, é melhor eu ir trabalhar um pouco.

— Ah, sim. O Andy disse que você trabalha com jornalistas.

— Pois é. Estou transcrevendo uma entrevista que um dos meus clientes fez com uma artista muito famosa, cujo nome rima com... Baylor Biffed. E Baylor tem muitas histórias incríveis para contar.

— Baylor não chega a seus pés — disse ele, voltando a desembalar algumas caixas. — Você sabe contar uma boa história.

Ela sorriu.

— Se isso for verdade, é resultado de todos os anos ouvindo outras pessoas contarem histórias.

— Queria agradecer por tudo isso — disse ele quando ela parou junto à porta.

— Agradecer pelo quê?

— Por, você sabe, me dar um lugar para ficar. Pela história das caixas de cereais.

— Ah. Bem. De nada. Se quiser ver o Claws jogando, me avise; a

Às vezes ela se perguntava se as pessoas algum dia acharam que ela era boa o suficiente para o médico. Para elas, Evvie havia passado diretamente de filha do pescador de lagosta para esposa do doutor e, como não sabiam de nada, achavam que tinha sido uma ascensão. Era por isso que ela sabia, sem sombra de dúvida, que a reputação de uma pessoa, em muitos aspectos, era uma mentira.

Tim tinha uma natureza encantadora para quase todo mundo que não havia se casado com ele. Era especialmente gentil com pacientes e funcionários, porque faziam com diligência tudo que ele mandava e, quando não faziam, ele tinha motivos para sustentar que deveriam ter feito. A própria Evvie o considerava um ótimo namorado no ensino médio e na faculdade.

Nos anos seguintes, quando Tim a levava a festas de Natal e Evvie não queria dançar, ela sabia que isso só fazia com que o amassem ainda mais. Todos diziam: “Ah, Eveleth, não seja boba.” Ela dizia que não, que não estava se sentindo bem, e então eles olhavam para Tim com compaixão, tipo *Que homem bom você é por amar essa mulher*. Eles não teriam acreditado que as razões pelas quais ela raramente sentia vontade de dançar com ele tinham a ver com a maneira como ele se comportava em casa. Ela sabia que, para a maioria das pessoas, ele emanava uma espécie de brilho. Provavelmente sabia melhor do que qualquer um, porque havia renunciado a mais coisas do que qualquer um em troca disso.



Evvie tinha quase dezesseis anos naquele dia de março, durante o segundo ano no ensino médio, em que Tim a encontrou sozinha, encharcada e sem opções. Ela havia acabado de voltar de Augusta em

policiais até sua sacola estar pela metade. Ela virou no fim de um corredor onde uma placa de papelão escrita à mão com pilot dizia “ciência” e deu de cara com Tim, que segurava um exemplar de um livro de capa dura intitulado *O homem e suas doenças*. Ela arregalou os olhos.

— Vou ser médico — declarou ele. — É por isso que... é por isso que estou segurando este livro.

Ela riu. O garoto com o carro seco e os assentos aquecidos que gostava da livraria ia ser médico. E ele era engraçado.

— Ah. Por um segundo, fiquei um pouco preocupada. Você sabe, com você.

Ele sorriu.

— Você tem um sorriso bonito.

Ela nunca teve a menor chance.



Uma brisa trouxe Evvie de volta à homenagem póstuma. Uma das enfermeiras estava lendo um poema. Alguma coisa com anjos. Alguma coisa que rimava “paraíso” com “riso” e “céu” com “véu”, algo familiar. Evvie tentou descobrir de onde o conhecia, pensando que talvez o tivesse ouvido da mãe, que tinha uma queda por sentimentalismo barato, ou talvez o tivesse visto pendurado em alguma parede. Depois de um minuto, ela finalmente se lembrou: o poema fora lido em um funeral importante de uma série de televisão bem popular. *Alguém pediu que você dissesse algumas palavras*, ela pensou ao olhar para a enfermeira, *e você pesquisou na internet “poema do último episódio da temporada de Cole Point”*. *Você fez isso. Qual é o seu problema?*

reunia em um salão para comer frango assado e, sem saber, reverenciar o ego de Tim e aplaudir o fato de seus pais o amarem tanto que, repetidas vezes, o tornaram uma pessoa pior.

Ela também havia contribuído para isso. Foi ela, afinal, quem se formou como a segunda da turma, logo atrás dele, depois de ir mal de propósito na prova de matemática, porque sabia o quanto ele queria ser o orador da turma. No dia em que soube que a havia superado, ele disse que a amava pela primeira vez.



Andy deu um tapinha nas costas de Evvie e ela voltou para o próprio corpo. Tinha acabado. Antes de ir embora, as pessoas lhe davam um leve aperto para confortá-la e incentivá-la; alguns haviam transferido esse toque do cotovelo para o ombro dela por volta do marco dos seis meses, como um sinal de que era hora de tomar coragem e parar de incomodar todo mundo. Ela agradeceu a todos, abraçou Lila novamente, deixou que Pete desse tapinhas em sua mão mais uma vez e se despediu. Ela e Andy caminharam em silêncio até o carro dele.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Estou — respondeu ela, tentando manter um tom descontraído.

— Foi indolor, na verdade.

— Tem certeza? Você vai me dizer, não vai? Vai me dizer se for demais para aguentar? Esse é o nosso acordo.

— Esse é o nosso acordo — repetiu ela.

Era o acordo deles, e era demais, mas ela não podia lhe dizer por quê, e era apenas mais uma coisa que sabia que estava fazendo errado.

— Caramba. — Ele se inclinou para a frente, mas ela se manteve em silêncio. — Como foi?

Ela sabia que estavam quebrando o acordo, fazendo um buraquinho na canoa na qual tinham decidido flutuar. Só daquela vez. É sempre possível tapar um buraco.

— Bem, muitas pessoas disseram muitas coisas sobre como ele era maravilhoso. Então isso foi ótimo para os pais dele. Ele tem muitos amigos. Quer dizer, tinha. Uma mulher leu um poema roubado de um programa de TV, então acho que talvez ela seja desclassificada das Olimpíadas do Luto, mas um paciente dele falou muitas coisas bonitas.

Ela massageou a nuca.

— Como foi para você?

Ela franziu a testa.

— Como assim?

— Você disse que foi ótimo para os pais dele, os amigos dele. Estou perguntando como foi para você.

Evvie passou a língua pelos lábios.

— Hum.

E não conseguiu acreditar. Não conseguiu: sentiu que ia começar a chorar. Ali, na cozinha, enquanto preparava o chá, enquanto conversava com alguém que provavelmente não estava pronto para ser promovido além do posto de “conhecido”, ela ia começar a chorar. Tivera que rezar por olhos marejados na cerimônia do plantio da árvore, tivera que induzir um nó na garganta enquanto todos estavam fungando, e agora isso. Ela respirou fundo duas vezes, tentando dar a impressão de que estava pensando no que dizer. Acabou se acalmando.

— Eu me senti mal, porque todos o amavam muito, e eu não. Quer